



<http://dx.doi.org/10.30681/real.v11i2.2714>

## IMAGINANDO ESPAÇOS DA NAÇÃO

Dionei Mathias (UFSM)<sup>1</sup>

**Resumo:** Na literatura de imigração, o conceito de nação tem um papel importante, já que muitas vezes problematiza o deslocamento de atores sociais para outros contextos culturais, os quais os forçam a aprender novas formas de comunicação, mas também a rever a imaginação da nação, tanto de origem como do destino da imigração. No romance *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde* ('Romance pátrio ou como meu pai se tornou alemão'), publicado em 2006, Nicol Ljubic discute a imaginação da nação do ponto de vista do pai (imigrante croata na Alemanha) e do filho (segunda geração nascida na Alemanha) e como eles conectam os diferentes elementos da narrativa nacional. Nesse sentido, este artigo pretende analisar a figuração da nação no contexto da origem e do destino da imigração, levando em consideração as motivações que desencadeiam determinados conjuntos de imagens.

**Palavras-chave:** *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*. Nicol Ljubic. Imigração. Nação.

**Abstract:** In immigration literature, the concept of nation plays an important role, since it often tackles the movement made by social actors to other cultural contexts, which force them to learn new ways of communication and to revise their nation images both in the origin as in the destination of immigration. In the novel *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, published in 2006, Nicol Ljubic discusses the nation imagination from the point of view of a father (Croatian immigrant in Germany) and of a son (second generation born in Germany) and how they connect the different elements of the national narration. Thus, this articles aims to analyse the figuration of the nation in the original country and in the country, the main character immigrated to, taking into consideration the motivations which triggers certain groups of images.

**Keywords:** *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*. Nicol Ljubic. Immigration. Nation.

### Introdução

Na literatura de imigração ou de contextos migratórios, não raramente a nação tem um papel importante, já que seus protagonistas passam por um processo de deslocamento nacional, às vezes também regional. Na Alemanha, a literatura Chamisso – nomenclatura que surgiu no contexto do prêmio homônimo concedido a autores com afiliações interculturais e que

---

<sup>1</sup> Professor no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas na Universidade Federal de Santa Maria.  
[dioneimathias@gmail.com](mailto:dioneimathias@gmail.com)



escrevem em língua alemã – muitas vezes acaba tematizando o lugar da nação, já que seus autores são imigrantes que aprenderam a língua alemã como língua estrangeira ou são filhos de imigrantes que vivem num dos países de expressão alemã. Em muitos textos ficcionais produzidos nessa interseção, a imaginação da nação apresenta dois vetores importantes: imaginar o lugar da socialização político-cultural do espaço geográfico de origem e seu impacto para o emigrante e, não menos importante, imaginar o lugar do imigrante no novo contexto sócio-político, como ator social que deseja construir seu futuro nessa nova configuração cultural.

No romance *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde* ('Romance pátrio ou como meu pai se tornou um alemão', sem tradução para o português, o autor de Nicol Ljubic, cujo pai é croata, aborda a questão da nação, a partir dos dois vetores mencionados. No enredo, pai e filho empreendem uma viagem que refaz o caminho de imigração. Nisso, em muitas passagens, pai e filho se posicionam dentro das coordenadas dos espaços nacionais, aos quais pertencem. Isto é, eles dialogam, de certa forma, com os discursos que formam a tessitura da imaginação nacional no plano macrossocial e incluem seus pontos de vista no plano individual, formando imagens da nação.

Em seu estudo desbravador, Benedict Anderson (2008, p.32) define a nação como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”, reforçando em sua análise o papel central da língua como condição básica para o surgimento dessa imaginação. Schwarcz (2008, p. 11), em sua apresentação do livro de Anderson ao público brasileiro, também destaca o papel da afetividade: “Mais que inventadas, nações são “imaginadas”, no sentido de que fazem sentido para a “alma” e constituem objetos de desejo e projeções. Aquilo que os discursos que detém o poder ideológico num espaço de interação impõem como a narrativa nacional acaba refletindo sobre o modo como cada indivíduo começa a imaginar esse espaço, urdindo seu próprio enredo a partir daquilo que faz sentido e que o envolve afetivamente, em seu universo pessoal.

Ao longo de alguns séculos, a imaginação da nação foi exitosa em criar linhas imaginárias de separação, enfatizando a diferença exterior, a fim de garantir uma suposta homogeneidade interior. Com início do século XXI, o mundo testemunha um fluxo de migração ímpar – embora migrações não sejam uma peculiaridade dessa era – fazendo com que inúmeros atores sociais se desloquem de seu espaço de socialização primordial para novas coordenadas de interação social. Nisso, não somente as grandes potências econômicas da América do Norte e da Europa Ocidental são o destino desses imigrantes; esse deslocamento também acontece em



várias outros lugares, inclusive dentro de espaços nacionais no eixo centro periferia, produzindo novas configurações sociais (BRETTELL/HOLLIFIELD, 2007, p. 1).

Esses novos atores sociais e também seus filhos vão trazer em sua bagagem narrativa de mundo enredos diferentes, cujas imaginações precisam ser revistas e adaptadas para o novo espaço. As experiências feitas por eles difere em muitos aspectos daquilo que membros que tradicionalmente pertencentes àquele espaço vivenciam:

A voz migrante nos conta como é sentir-se um estranho e, ao mesmo tempo, em casa, viver simultaneamente dentro e fora da situação imediata, estar fugindo permanentemente, pensar em retornar, mas se dar conta ao mesmo tempo da impossibilidade de fazê-lo, pois o passado não é somente outro país, mas também um outro tempo, fora do presente (KING et alia, 1995, p. xv).<sup>2</sup>

A condição de imigrante, portanto, parece representar uma experiência, em que o sujeito precisar processar e administrar dois passados imaginados com suas tradições, num presente que não prevê um lugar de confluência para esse ator social, forçando-o a desbravar as formatações discursivas, a fim de encontrar seu lugar de fala e de representação de suas imaginações. Isto é, como um indivíduo – socializado num discurso que sugere homogeneidade e essência nacional que se desloca para outro espaço construído nos mesmos moldes de homogeneidade – pode administrar seus próprios meandros imaginativos, se ele se vê confrontado com a impossibilidade de uma autoconcepção pautada por um discurso essencialista. Com efeito, o imigrante passa por aquilo que Ahmed et alia (2003, p. 3) chamam de desarraigamento e reestabelecimento (uprootings, regroundings), não somente no aspecto do pertencimento, mas também em todo o processo de imaginação.

De certo modo, a imaginação da nação por parte dos imigrantes também passa por um processo de hibridização, um termo recorrentemente utilizado para descrever projetos de identidade ou a gênese cultural nessa confluência de social. Contudo, como Moslund (2010, p. 48) nos adverte, o processo de hibridização apresenta diferentes velocidades no processo de produção de igualdade oriunda de uma cultura hegemônica e de diferença oriunda de uma cultura periférica que não se encaixa nos moldes previstos naquele espaço. Para este contexto, isso significa que a imaginação do espaço nacional não vai passar por um processo automático de hibridização.

---

<sup>2</sup> "The migrant voice tells us what it is like to feel a stranger and yet at home, to live simultaneously inside and outside one's immediate situation, to be permanently on the run, to think of returning but to realize at the same time the impossibility of doing so, since the past is not only another country but also another time, out of the present" (KING et alia, 1995, p. xv).



Por vezes, a imaginação nacional acontece de forma paralela, focando ora no espaço de origem, ora no destino de imigração, de acordo com os interesses e os movimentos afetivos pessoais, como reforçam Benmayor e Skotnes (2005, p. 11): “Ao invés disso, o que vemos é como, em situações e momentos específicos, pessoas estrategicamente destacam diferentes dimensões de suas memórias pessoais e coletivas para construir aquilo que são e aquilo pelo qual lutam”<sup>3</sup>. Nesse sentido, interessa refletir como o indivíduo imagina um determinado espaço nacional, mas também com que motivações ou que implicações.

Em diferentes momentos do enredo no romance de Ljubic, pai e filho refletem sobre a Croácia e sua história, indiretamente também sobre a Alemanha e suas configurações sociopolíticas. Com isso, este artigo pretende discutir como os protagonistas imaginam esses espaços nacionais, levando em consideração aquilo que possivelmente os motiva a empreender esse esforço e o que implicam as tessituras urdidas para representar um espaço no plano individual.

## 1. Imagens do país de origem

A viagem de volta à pátria do pai acontece depois de muitos anos, sem que o protagonista veja a família nem seu país de origem. Para o filho, a viagem promete ajudá-lo a entender um pouco mais da história de imigração do genitor. Com efeito, é o filho – também a voz narrativa homodiegética – quem representa a força motriz para esse trabalho de processamento e administração do passado e, com isso, também do projeto de construção de imagens nacionais. Mais que a figura paterna, é o filho quem busca a concretude na imaginação tanto da pátria do pai como naquela na qual nasceu.

Numa passagem, em que a voz narrativa reflete sobre a história política da ex-Iugoslávia, com foco no líder Tito, ele se pergunta como seu pai enxerga esse elemento narrativo atrelado a seu país:

E meu pai? Eu nunca ouvi meu pai reclamar de Tito, ele nunca falou de aprisionamentos, de repressão, de polícia secreta que fazia pessoas desaparecerem, de lista da morte. Tito, tão raramente ele falava dele, era um homem que mantinha o país unido, que se distancia do Bloco Leste, que concedia liberdade de viagem a seus cidadãos. Quando ele se irrita, então em termos gerais sobre o socialismo que tinha prometido igualdade, mas que

<sup>3</sup> “Rather, what we see is how, in specific situations and moments, people strategically foreground different dimensions of their individual and collective memories to construct who they are and what they are fighting for” (BENMAYOR/SKOTNES 2005, p. 11).



presenteou alguns com riqueza. O que o fazia chegar à conclusão: comunismo, socialismo, isso tudo é besteira (LJUBIC, 2006, p. 81).<sup>4</sup>

A revisão do passado e a construção de um enredo histórico, com seus personagens políticos e de destaque cultural são elementos típicos para a construção de uma narrativa nacional e para o processo de imaginação de um espaço geográfico, isso tanto nos discursos historiográficos oficiais, como num nível informal. O que se destaca nessa passagem é o modo como cada um dos personagens se posiciona diante desses dados históricos e como eles os adaptam para sua realidade. É bem sabido que o estadista Tito é uma personagem controversa na historiografia dos Bálcãs. Por algumas décadas, ele foi responsável pela paz entre as diversas etnias que compunham a ex-Iugoslávia, por lado, sua forma de governar apresentava claros elementos ditatoriais.

O filho, que foi socializado em sociedades com culturas predominantemente democráticas, olha sobre essa narrativa com um afincado de diferenciação. Como ele nunca viveu na Croácia, ele também não desenvolveu qualquer vínculo pragmático ou afetivo com o país. A partir dessa posição de distância, ele identifica elementos que num envolvimento mais próximo poderiam ser reprimidos, a fim de manter a densidade narrativa. Assim, ele começa enumerando todos os aspectos que compõem o estado totalitário, criando a imagem de uma nação marcada pela violência e pelo silenciamento daqueles que não se encontram em conformidade com a ideologia do estadista.

O pai, por sua vez, embora tenha fugido do país, no momento que deveria prestar o serviço militar, o que poderia sugerir um comportamento crítico ao regime ditatorial, não mostra o empenho, revelado pelo filho, em afirmar o lado mais ignominioso da história política de seu país. Pelo contrário, o pai, na verdade, raramente apresenta o desejo de discutir esse segmento da imagem da Croácia, preferindo se esquivar de uma discussão em volta da atualização dessa imagem. Quando o faz, contudo, ele aponta primeiramente os aspectos positivos da política de Tito e critica somente o socialismo e a traição de seus objetivos, deletando tudo que esteja relacionado ao estado de violência. A imagem de nação que surge da fala paterna se diferencia completamente daquela do filho. Apesar de também conter

---

<sup>4</sup> “Und mein Vater? Ich habe meinen Vater nie über Tito klagen hören, er hat nie von Verhaftungen gesprochen, von Unterdrückung, von der Geheimpolizei, die Menschen verschwinden ließ, von Todeslisten. Tito, so selten er über ihn sprach, war der Mann, der das Land zusammengehalten hatte, der sich vom Ostblock abgrenzte, der seinen Bürgern Reisefreiheit gewährte. Wenn er sich aufregt, dann ganz allgemein über den Sozialismus, der doch Gleichheit versprochen hatte und einigen dann doch Reichtum bescherte. Was ihn schlußfolgern läßt: Kommunismus, Sozialismus, das ist doch alles Kokolores“ (LJUBIC, 2006, p. 81).



criticidade, ela urde uma tessitura que permite imaginar um estadista esforçado pelo bem-estar de seus cidadãos.

Essa linha de imaginação se encontra em consonância com aquilo que a família e grande parte da população croata afirma, no enredo do romance. Grande parte deles experimenta uma sensação de nostalgia da era Tito: “

Misun conta que no vigésimo quinto ano da morte de Tito, em maio de 2005, a TV mostrou uma pesquisa, na qual noventa e cinco por cento dos croatas indicavam que sua vida era melhor durante o governo de Tito. Quão rapidamente as pessoas desenvolvem uma nostalgia por um estado não democrático, o qual já superaram (LJUBIC, 2006, p. 80)<sup>5</sup>.

Fica claro que os croatas, nesse contexto, apresentam um envolvimento emocional com essa parte de seu passado nacional, rememorando os elementos positivos e que permitem a construção de uma imagem nacional pautada pelo bem-estar de seus cidadãos. A grande maioria destaca os aspectos que aceleraram a coesão social, excluindo dessa visão tudo aquilo que pudesse denigrir a imagem do estadista ou transformar a própria nação em objeto de crítica. Nessa lógica de imaginação de nação, obviamente também a dinâmica dos afetos e a balança de sentidos têm um papel importante, pois os indivíduos ao mesmo tempo que rememoram e urdem essa tessitura da nação também constroem sua narrativa pessoal, na qual um desequilíbrio na economia afetiva e de sentido pode ter consequências sérias para a autoimagem e sua legitimação.

O filho, a partir da sua socialização alemã, não está confrontado com esse problema, no momento de imaginar a nação croata. Dada a ausência de qualquer capital afetivo investido nesse espaço geográfico e diante da ausência de sentido existencial atrelado à imaginação da Croácia, ele se encontra num estado emocional que lhe permite identificar a narrativa da família paterna como uma nostalgia, direcionada a um passado completamente idealizado. Ainda assim, ele tem um interesse pessoal em imaginar esse país e essa motivação não provém somente da origem do pai.

Na sua condição de filho de imigrante, ele constantemente se vê confrontado com a exigência dessa imaginação, mesmo que não se sinta ligado àquele país:

Quando um amigo alemão, o que naquele tempo acontecia com frequência, me perguntava se de alguma forma fui afetado pela guerra, eu contava de

---

<sup>5</sup> “Misun erzählt, daß zum funfundzwanzigsten Todestag von Tito, im Mai 2005, das Fernsehen eine Umfrage gezeigt hatte, in der fünfundneunzig Prozent der Kroaten angaben, daß ihr Leben unter Tito besser gewesen sei. Wie schnell das geht, daß Menschen eine Sehnsucht entwickeln, nach dem undemokratischen Staat, den sie eigentlich überwunden haben (LJUBIC, 2006, p. 80).



Milan, um primo, que lutava no lado croata. Eu não queria parecer indiferente, afinal de contas eu nasci em Zagreb e tinha uma família lá. Eu pedi para o meu pai que me explicasse os motivos para a guerra (LJUBIC, 2006, p. 79)<sup>6</sup>.

Embora a Croácia permaneça um país estranho, ao qual está ligado somente por conta da origem do pai, o filho precisa imaginar o país, dadas as expectativas despertadas por pertencer a segunda geração, isto é, ser filho de imigrante. O fenômeno abordado aqui é recorrente na literatura de imigração, colocando a segunda geração reiteradamente diante de um conflito de representação, já que seus membros se sentem pertencentes ao país, para o qual os pais emigraram. Nesse sentido, o esforço do filho de compreender o passado e o presente da Croácia está ligado não somente ao desejo de querer conhecer melhor a história de imigração do pai, ele relacionado também à necessidade de ter uma narrativa nacional disponível para as exigências do grupo hegemônico local. Mesmo não tendo qualquer vínculo afetivo com o país, a economia representacional local exige que empreenda um trabalho de imaginação e concatenação narrativa, a fim de suprir as demandas dos atores sociais, com os quais interage no espaço em que luta por pertencimento. Nessa interseção, também fica claro que, ao menos em parte, a imaginação da nação está atrelada a lógicas de solidariedade e desejo de pertencimento. Enquanto o pai atribui importância à manutenção da rede afetiva com os membros de sua família, o filho volta seu investimento afetivo muito mais para os interlocutores do seu contexto social, na Alemanha. Dessas constelações afetivas, resulta uma imagem de nação que se adapta às narrativas daqueles que têm um impacto emocional sobre o sujeito e autor das respectivas imagens.

## 2. Imagens do espaço de acolhimento – ou o destino da imigração

Durante a viagem empreendida da Croácia de volta à Alemanha, os protagonistas passam pela Itália e pela França, as primeiras paradas do pai no seu caminho de imigração. Ao refazerem o trajeto, pai e filho não deixam de ver os muitos imigrantes e refugiados que se encontram nesses locais, o que desencadeia neles uma discussão sobre o lugar desses interlocutores no espaço social. Nesse contexto, nenhum dos dois urde tessituras para a imaginação de um espaço nacional específico, isto é, eles não imaginam diretamente a

---

<sup>6</sup> ”Wenn mich, was in jener Zeit oft geschah, ein deutscher Freund fragte, ob ich irgendwie betroffen sei vom Krieg, erzählte ich von Milan, dem Cousin, der auf kroatischer Seite kämpfte. Ich wollte nicht teilnahmslos wirken, schließlich war ich in Zagreb geboren und hatte eine Familie dort. Ich bat meinen Vater, mir die Gründe für den Krieg zu erklären“ (LJUBIC, 2006, p. 79).



Alemanha com seus imigrantes, por exemplo. Antes, trata-se do espaço supranacional da Europa Ocidental, com suas muitas economias avançadas que atraem imigrantes do mundo todo para seu mercado de chances. Contudo, a despeito de não fixarem suas reflexões no espaço nacional alemão, parece-me que grande parte daquilo que observam sobre essas duas economias vizinhas é, na verdade, a administração intelectual de fenômenos, com os quais são confrontados na Alemanha. Assim, os africanos da Itália e os magrebinos da França têm muita semelhança com grupos minoritários que vivem na Alemanha.

Assim, embora não seja possível identificar no texto um afincamento específico de imaginar a nação alemã, as discussões sobre os imigrantes, sim, revela algo sobre como os dois protagonistas avaliam o lugar dos imigrantes naquele país. Afinal, ao falarem dos imigrantes que chamam sua atenção nos outros países, eles parecem discutir, antes de mais nada, o modo como eles concebem sua posição no país em que vivem e a imagem da nação que buscam criar. Também nesse contexto a imaginação do espaço de interação e de seus atores sociais apresenta motivações diversas:

No nosso passeio no dia da chegada, chamaram nossa atenção s muitos africanos que não falavam italiano e cujos casacos caquis, geralmente o lado interior, estavam cheios de relógios de todo tamanho. Quando nos viam, abriam seus casacos e no próximo momento já viravam para o outro lado, como se eles mesmos não acreditassem poder nos vender um relógio. Todos pareciam resignados. Quem sabe para quem vendem os relógios, em que quartos dormem, que viagem fizeram - a quem interessa isso? A quem interessa quantos deles se afogam nas costas? Qual deve ser o tamanho da necessidade e da esperança para empreenderem tais travessias? Eu nunca entendi por que se pode morrer da fome, mas não ir para a prisão, por que uma coisa dá direito a asilo e a outra não. Que simples foi para meu pai, foi suficiente der fugido do socialismo para receber esse pequeno documento branco com foto, *certificat de réfugié* (LJUBIC, 2006, p. 129)<sup>7</sup>.

Nesse episódio, os protagonistas se encontram numa cidade italiana. A voz narrativa volta sua atenção para os atores sociais negros, executando trabalhos e usando roupas que o levam a acreditar de que se trata de imigrantes. Ao fazer essa interpretação da realidade, a voz narrativa

---

<sup>7</sup> "Bei unserem Spaziergang am Tage der Ankunft sind uns die vielen Afrikaner aufgefallen, die kein Italienisch sprachen und deren khakifarbene Jacken, meist die Innenseiten, mit Armbanduhren aller Größen und Marken behängt waren. Wenn sie uns sahen, schlugen sie ihre Jacken auf und wendeten sich im nächsten Augenblick schon ab, als glaubten sie selbst nicht daran, uns eine Uhr verkaufen zu können. Sie sahen alle resigniert aus. Wer weiß, für wen sie die Uhren verkaufen, in was für Zimmern sie schlafen, was für eine Reise sie hinter sich haben – wen interessiert das? Wen interessiert, wie viele von ihnen vor den Küsten ertrinken? Wie groß die Not oder die Hoffnung sein muß, damit sie sich auf solche Überfahrten begeben? Ich habe noch nie verstanden, warum man zwar verhungern, aber nicht ins Gefängnis kommen darf, warum das eine zum Asyl berechtigt und das andere nicht. Wie einfach es mein Vater hatte, es reichte, daß er dem Sozialismus entflohen war, um diesen kleinen, weißen Paperausweis mit Foto zu bekommen, *certificat de réfugié*" (LJUBIC, 2006, p. 129).



se utiliza de uma narrativa, com a qual se apropria do mundo. Isto é, ela adota uma imagem de realidade para aquele espaço nacional, na qual atores sociais executam tarefas determinadas, com trajes específicos. Assim, a identificação daqueles atores sociais como estrangeiros parece indicar que nativos não realizariam aquele trabalho, tampouco estariam caracterizados com aquela indumentária. Com efeito, a imaginação nacional passa por um processo de atribuição de papéis sociais e pelo estabelecimento de uma hierarquia. No processo de socialização, cada membro do espaço cultural vai aprendendo a posicionar os diferentes participantes dentro dessas coordenadas hierárquicas. Esse aprendizado começa em casa, passa pelas instituições e também é fomentado pelas mídias.

Um segundo aspecto importante na tessitura dessa imaginação é a responsabilidade política da nação diante da dor e das dificuldades alheias. Após identificar sua alteridade e traçar linhas demarcatórias válidas para o espaço de interação, a voz narrativa volta seu olhar para o passado e para as motivações desses novos membros. Ele constata justamente a ausência de interesse de imaginar a realidade desse grupo. Nesse sentido, ao dirigir sua atenção a eles, ele investe energia cognitiva e emocional, a fim de vislumbrar aquilo que os impeliu a escolher esse destino de imigração. Nesses meandros de imaginação, ele não foca na diferença, mas sim em aspectos que podem construir pontes de experiências comuns.

Um outro ponto reside na interpretação das leis que regulamentam a entrada e o deslocamento dos imigrantes dentro dos contextos nacionais. Ao imaginar as leis e suas implicações para a concretização da existência do outro, ele constata as contradições, em parte também, as arbitrariedades e as insuficiências que regem esse trânsito. Nessa interseção, ele imagina uma nação e a forma como ela concretiza princípios democráticos do estado de direito, posicionando-se diante das regras oficiais que compõem a tessitura da nação. Nesse processo, ele ao menos vislumbra um outro modelo de nação, no qual há uma maior diferenciação e disposição para perceber a dor do outro.

Ao contrário do filho, que em sua fala, claramente mostra solidariedade e simpatia pelos imigrantes, o pai está menos disposto a enxergar no destino desses atores sociais algo que desperte sua compaixão:

Parece que é ponto de encontro de jovens árabes. Volta e meia, tem alguém saindo de carro, com pneus de assobiando. Olha para esses malucos, diria meu pai, isso ele sempre diz quando jovens fazem barulho. Não devem ter nada melhor para fazer do que ficarem vadiando aqui, deviam era trabalhar.



Depende de nós mesmos, de a gente faz alguma coisa das nossas vidas ou não, disso ele está convicto [...] (LJUBIC, 2006, p. 158)<sup>8</sup>.

Nesse contexto, pai e filho estão na França e veem jovens de origem magrebina. Na sequência da passagem, a voz narrativa faz alusão aos confrontos ocorridos nas periferias de Paris e que envolveram jovens (filhos de) imigrantes. Enquanto o filho procura diferenciar, o pai identifica a origem no problema na presença desses imigrantes e em sua falta de vontade de investir energia, a fim de construir sua existência. Mesmo quando o filho argumenta que o pai chegou na Alemanha num período, em que havia muito trabalho e muitas chances, diferentemente daquilo que a nova leva de imigrantes ou a nova geração já nascida na Europa vivencia, o pai se mantém inflexível em seu posicionamento, imaginando um espaço nacional, no qual qualquer membro pode ter êxito, bastando se esforçar. Com isso, surgem imagens completamente diferentes: enquanto o pai imagina um espaço de igualdade de chances e autonomia, o filho urde uma tessitura, na qual ele inclui os problemas estruturais de um espaço social, os quais têm grande impacto sobre a respectiva história de imigração.

As motivações para essas imagens são diversas. O pai não deseja se identificar com os novos grupos de imigrantes, especialmente com aqueles que fracassaram nos termos das sociedades de mérito. Ele tampouco deseja relativizar sua própria história de sucesso, preferindo atribuir seu êxito a seu próprio esforço. O filho, por sua vez, não precisa defender essa narrativa pessoal, pois seu êxito profissional está atrelado a outra economia de chances. Isso lhe permite um determinado distanciamento que possibilita uma maior diferenciação sobre as chances que imigrantes obtêm.

### Considerações finais

A imaginação da nação vai muito além de uma tessitura pragmática em termos políticos e espaço-geográficos. O romance de Ljubic problematiza essa imaginação, começando pela urdidura da nação de origem do pai. Nisso, seu foco recai, sobretudo, na forma como determinados elementos são processados e introduzidos nas narrativas cotidianas que compõem o enredo individual dos atores sociais representados. Nele, a afetividade desempenha um papel fundamental, pois a figura paterna imagina uma nação em consonância com o imaginário de

---

<sup>8</sup> “Es scheint der Treffpunkt zu sein für junge Araber. Hin und wieder fährt jemand mit quietschenden Reifen los. Guck dir die Verrückten an, würde mein Vater sagen, das sagt er immer, wenn Jugendliche halbstark auftreten. Haben wohl nichts Besseres zu tun, als hier rumzuhängen, sollen lieber arbeiten. Es liegt an einem selbst, ob man etwas aus seinem Leben macht oder nicht, davon ist er überzeugt“ [...] (LJUBIC, 2006, p. 158).



seu família, a fim de manter uma rede emocional e de sentido existencial tecida no seio familiar. O filho, por sua vez, representante da segunda geração de imigrantes imagina a Croácia e sua história de forma muito mais crítica, mas também essa imaginação está atrelada a uma balança afetiva, que, neste acaso, está pautada pelas expectativas do grupo hegemônico na Alemanha, ao qual deseja pertencer.

Essa contraposição de imagens produzidas respectivamente por pai e filho também se impõe, ao imaginarem as nações de acolhimento. O filho problematiza a imaginação dos membros que fazem parte de um espaço nacional, discutindo com isso as regras de pertencimentos e de criação de linhas divisórias. Ele volta seu olhar para o passado desses novos membros, a fim de identificar o que os levou à imigração, e questiona no presente diegético os problemas estruturais de uma nação, cujas regras de acolhimento e rechaço não levam em consideração a dor e necessidade do outro. Ao contrário do filho que revela grande solidariedade, o pai se mostra inflexível diante dos novos imigrantes que povoam o continente europeu, indicando com isso um possível receio de ver sua narrativa de sucesso em risco. Com isso, a imaginação dos espaços nacionais está atrelada também a lógicas de identificação e disponibilidade de inclusão do outro.

### Referência bibliográficas

AHMED, Sara; CASTAÑEDA; Claudia; FORTIER, Anne-Marie; SELLER, Mimi. Introduction: Uprootings/Regroundings: Questions of Home and Migration. In: AHMED, Sara; CASTAÑEDA; Claudia; FORTIER, Anne-Marie; SELLER, Mimi (Eds.). **Uprootings/Regroundings: Questions of Home and Migration**. Oxford/New York: Berg, 2003, p. 1-19.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENMAYOR, Rina; SKOTNES, Andor. Some Reflections on Migration and Identity. In: BENMAYOR, Rina; SKOTNES, Andor (Eds.). **Migration & Identity**. New Brunswick/London: Transaction Publishers, 2005, p. 1-18.



BRETTELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F. Introduction. In: BRETTELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F (Eds.). **Migration Theory. Talking across Disciplines**. New York/London: Routledge, 2007, p. 1-29.

KING, Russell; CONNELL, John; WHITE, Paul. Preface. In: KING, Russell; CONNELL, John; WHITE, Paul (Eds.). **Writing Across Worlds: Literature and Migration**. New York/London: Routledge, 1995, p. ix-xvi.

LJUBIC, Nicol. **Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde**. München: Deutsche Verlags-Anstalt, 2006.

MOSLUND, Sten Pultz. **Migration Literature and Hybridity. The Different Speeds of Transcultural Change**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Imaginar é difícil (porém necessário). In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 9-17.